

Novos olhares para geografia escolar: currículo e experiências docentes na educação básica

Nuevas perspectivas sobre la geografía escolar: currículo y experiencias docentes en educación básica

New perspectives on school geography: curriculum and teaching experiences in basic education

Cintielena Holanda Costa¹

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, Brasil

Danielle Rodrigues da Silva²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

Resumo

Durante muitas décadas a Geografia escolar foi vista apenas como uma disciplina que descrevia lugares. Atualmente, diante de um contexto socioespacial globalizado se faz necessário ser criativo, propositivo e inovador no ensino de Geografia. Nesse sentido buscamos como objetivo deste trabalho: apresentar as experiências docentes no Ensino de Geografia na Escola Municipal Angélica Gurgel desenvolvidas durante 2020-2022, Fortaleza, Ceará. Utilizamos levantamento bibliográfico e a observação participante na construção deste artigo. A abordagem desta pesquisa tem caráter qualitativo, já que haverá dados exploratórios e estratégias de aproximação com a realidade. Os resultados serão apresentados através de imagens e palavras, abordando os conteúdos de Geografia de uma forma mais crítica, criativa e reflexiva e levando em consideração as experiências vividas na prática da sala de aula. Conclui-se, na condição de professora-pesquisadora que atua na rede pública, que o Ensino de Geografia, a partir de práticas pedagógicas criativas e reflexivas e que se cruzam interdisciplinarmente, é de suma importância na relação do ensinar e aprender.

Palavras-chave: ensino de geografia; experiências docentes; práticas pedagógicas.

Resumen

Durante muchas décadas, la Geografía escolar fue vista únicamente como una materia que describía lugares. Actualmente, ante un contexto socioespacial globalizado, es necesario ser creativos, decididos e innovadores en la enseñanza de la Geografía. En este sentido, el objetivo de este trabajo es presentar las experiencias docentes en Enseñanza de Geografía en la Escuela Municipal Angélica Gurgel desarrolladas durante el año 2020-2022, Fortaleza, Ceará. Utilizamos investigación bibliográfica y observación participante en la construcción de este artículo. El enfoque de esta investigación es de carácter cualitativo, ya que se contará con datos exploratorios y estrategias para acercarse a la realidad. Los resultados se presentarán a través de imágenes y palabras, abordando los contenidos de Geografía de una manera más crítica, creativa y reflexiva y teniendo en cuenta las experiencias vividas en

¹ Mestra em Ensino e Formação Docente. Professora de Geografia da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. E-mail: cintielenahcosta@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6672-6275>.

² Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: danielle.rodrigues@ifce.edu.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5474-4695>.

la práctica en el aula. Se concluye, como docente-investigador que actúa en la red pública, que la Enseñanza de la Geografía, basada en prácticas pedagógicas creativas y reflexivas que cruzan la interdisciplinariedad, es de suma importancia en la relación entre enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: enseñanza de la geografía; experiencias docentes; prácticas pedagógicas.

Abstract

For many decades, school geography was seen only as a discipline that described places. Currently, in the face of a globalized socio-spatial context, it is necessary to be creative, purposeful and innovative in the teaching of Geography. In this sense, we seek as the objective of this work: to present the teaching experiences in Geography Teaching at the Municipal School Angélica Gurgel developed during 2020-2022, Fortaleza, Ceará. We used bibliographic survey and participant observation in the construction of this article. The results will be presented through images and words, approaching Geography content in a more critical, creative and reflective way and taking into account the experiences lived in classroom practice. It is concluded, as a teacher-researcher who works in the public network, that the Teaching of Geography, based on creative and reflective pedagogical practices that intersect interdisciplinary, is of paramount importance in the relationship between teaching and learning.

Keywords: geography teaching; teaching experiences; pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente, em um mundo em constante dinâmica socioespacial, requer, além de conhecimento, criatividade. A docência se faz por meio de informações, de experiências, da história acadêmica e profissional, do meio em que se vive e dos ideais construídos ao longo de uma vida, produzindo, instigando e replicando reflexões, diálogos e olhares mais críticos no processo de ensino e aprendizagem.

No ensino de Geografia, o aprimoramento de novas práticas pedagógicas, principalmente na construção de novos diálogos e ações criativas, críticas, inovadoras e reflexivas, assume importante papel na (re) significação de contextos e práticas em sala de aula. Aquele pensamento de que a geografia serve apenas para fazer descrições do espaço vai ganhando novas contribuições, agora, com o aluno participando da construção e da elaboração dos conhecimentos e propiciando reflexões acerca da própria realidade. A Geografia aparece na sala de aula como uma possibilidade de se pensar o mundo real. Cavalcanti (2010, p.7) diz que ensinar Geografia é, antes de tudo, “[...] ensinar um modo de pensar geográfico, um olhar geográfico, um raciocínio geográfico”. Dessa forma, tornar o estudante um ser ativo no processo de aprendizagem, no ensino de Geografia, configura-se como uma

estratégia que revoluciona o ensinar geográfico.

De acordo com Cavalcanti (2013), no chão da escola, a geografia possui uma linguagem própria da qual os alunos se apropriam. A partir desse momento, passam a realizar uma nova leitura do lugar vivido, compreendendo o local e o global.

É nesta perspectiva que realizamos uma breve reflexão acerca das transformações vividas na Geografia escolar, apresentando, a seguir, as dinâmicas socioespaciais dos últimos dois anos, principalmente em razão da pandemia da covid-19, que impactaram não só o ensino de Geografia, mas também a educação de uma forma geral.

Salienta-se que o recorte deste trabalho acerca do processo de ensino e aprendizagem no ensino de Geografia se volta aos Anos Finais (8º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, no período de 2020 a 2022, da Escola Municipal Angélica Gurgel, Fortaleza, Ceará.

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado, apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Instituto Federal do Ceará (IFCE)¹. Assim, para a realização de tal pesquisa, propõe-se o seguinte objetivo geral: apresentar as experiências docentes no Ensino de Geografia na Escola Municipal Angélica Gurgel desenvolvidas durante 2020-2022.

Nossa investigação terá fundamentos teórico-bibliográficos e documentais acerca das práticas pedagógicas no ensino de Geografia. A abordagem desta pesquisa tem caráter qualitativo, já que haverá dados exploratórios e estratégias de aproximação com a realidade, permitindo um maior envolvimento entre a pesquisadora/professora e as práticas pedagógicas realizadas com os educandos.

2 METODOLOGIA

A abordagem desta pesquisa tem caráter qualitativo, com dados exploratórios e estratégias de aproximação com a realidade. Esse tipo de abordagem é, segundo Minayo (2012, p. 622) “um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação”. Assim, essa pesquisa foi organizada numa perspectiva qualitativa acerca das práticas pedagógicas no

ensino de Geografia na Escola Municipal Angélica Gurgel, Município de Fortaleza, Ceará, tendo como sujeitos dessas práticas, os educandos de 6º, 7º, 8º e 9º anos e a professora de Geografia que também é pesquisadora deste trabalho.

Estando diante de uma pesquisa que permite uma relação direta entre o pesquisador e os participantes, entre o que se investiga e os problemas que circundam o objeto da investigação, construímos a pesquisa numa perspectiva de entrosamento, observação, entrevistas e coleta de informações a partir das aulas de Geografia.

A análise dos dados foi realizada durante todo o processo da investigação, combinando a análise das práticas de ensino com os resultados produzidos pelos educandos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A Geografia para além do Currículo como documento

Ao falarmos sobre currículo no campo pedagógico, encontramos várias definições. Segundo (Moreira; Candau, 2006), essas definições vêm de um processo histórico com influências teóricas que atingem a educação e se constituem como uma política hegemônica em determinados momentos.

O currículo pode ser compreendido como um conjunto sistemático de disciplinas ou um elenco de conteúdos assim como um arranjo de informações e experiências que preparam os jovens para a vida no mundo do trabalho ou, também, como um conjunto de atividades para continuar na vida acadêmica. Ele também pode ser definido como um espaço político e cultural que diz respeito à maneira como nos relacionamos com a sociedade, com a escola e com o conhecimento.

Pode-se também dizer que o currículo é social, constituído de lutas e conflitos, com diferentes ideologias e tradições, considerando, em determinados contextos históricos, conhecimentos socialmente aceitos e desconsiderando outros. A seleção de conhecimentos que integram o currículo é um processo político cujos critérios não são neutros. É o que afirma Silva (2003, p.46) ao dizer que o currículo não é “[...] um corpo neutro, inocente e desinteressado de conhecimentos [...]”. Mas sim, segundo

Arroyo (1996), "todo currículo é uma seleção, uma escolha cultural e política que será feita em função do compromisso que tenhamos, como profissionais, com a função social da escola e de nossa prática" (Arroyo, 1996, p. 169).

Assim, o currículo é um espaço conflitivo de interesses sociais, políticos e culturais diversos. Para Arroyo (1996) "O currículo tem que dar conta da escola como espaço de socialização não só de conhecimentos, mas de representações, de valores, de modos de conduta, de modos de vida adulta, de hábitos, de rituais, de símbolos, de artefatos, de técnicas" (Arroyo, 1996, p. 170). Diferentes atores disputam o território do currículo como o estado, empresas, organismos internacionais, escolas, professores e alunos.

A Geografia se encontra na BNCC como um dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas, trazendo conteúdos, habilidades e competências específicas para cada etapa de ensino e que precisam ser adquiridas por todos os discentes, de diferentes regiões, classes, gêneros e raças, ao longo do desenvolvimento no estudo geográfico.

O pensamento espacial que se propõe na BNCC para Geografia não é a mesma coisa que pensamento geográfico. Este é muito mais complexo e envolve questões ambientais, políticas, sociais, espaciais, territoriais, econômicas e de gênero, por exemplo.

O conhecimento geográfico não pode ser estudado de forma apartada, como um pedaço do território ou as características de uma vegetação, mas de forma integrada, relacionando um lugar aos outros lugares, o natural ao social, o espacial ao tempo, à identidade, à memória etc.

Por isso, para além dessa estrutura curricular apresentada de forma comum para todo o território brasileiro, é necessário resistir para que o comum não faça excluir grupos historicamente inferiorizados. É por esse motivo que se discute o currículo como território de disputa. De um lado, trazendo a ideia de um conhecimento comum, de uma norma culta ou nobre. De outro lado, os (as) docentes tendo uma postura crítica e trazendo as memórias dos coletivos inferiorizados na história. "Não se trata de negar o direito à produção intelectual, cultural, ética, estética, mas de incorporar outras leituras de mundo, outros saberes de si mesmos." (Arroyo, 2013, p. 42).

Cavalcanti (2012, p.135) nos afirma que a Geografia é uma forma de ler a realidade e que pode ser alcançada a partir de perguntas sobre o que acontece no mundo, ou seja, “questões elencadas como típicas da geografia – Onde? Por que nesse lugar? Como é esse lugar?”

Dessa forma, a Geografia, na escola, tem o papel de desenvolver a capacidade de pensar teoricamente para analisar a realidade e a espacialidade dos fenômenos naturais e sociais de forma crítica. O conteúdo do ensino de Geografia, em nível escolar, deve transmitir aos alunos uma perspectiva sobre o mundo, um método de pensar sobre a Geografia e as causas naturais, sociais, políticas e econômicas da produção desigual do espaço. Deve também estimular a compreensão do espaço como produto e produtor das relações existentes na sociedade e na sua estrutura organizacional e ainda estabelecer conexões entre as escalas, do local ao global e vice-versa, com o objetivo de aplicar uma leitura crítica de sua realidade. Cavalcanti (2012) aponta que os professores de Geografia estão sempre procurando novas e diferentes formas de trabalhar e ensinar, novos materiais, novos recursos, novas metodologias.

É necessário reconhecer o papel que o currículo de Geografia desempenha na promoção de uma educação que possa levar os alunos à percepção da realidade e, a partir daí, à libertação do pensamento. É óbvio que, no contexto de ensino e aprendizagem, docentes e discentes devem transitar por materiais fundamentais desta área do conhecimento, mas não apenas desta se quiserem entender o mundo e a sua própria realidade. Ensinar Geografia “[...] não é ensinar um conjunto de conteúdos e temas, mas é, antes de tudo, ensinar um modo de pensar, um modo de perceber a realidade, um modo de percebê-la espacialmente” (Callai *et al.*, 2016, p. 54).

Para Oliveira (2010, p. 141), o estudo de Geografia “[...] procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade tendo em vista a sua transformação”. Ou seja, busca que o aluno se torne uma pessoa crítica e ativa na sociedade, a partir de habilidades e conceitos geográficos, na análise da sua realidade. O mesmo autor continua argumentando que o papel da Geografia é proporcionar a compreensão do espaço criado pela sociedade, incluindo as tradições e as desigualdades, as relações de poder e a

apropriação da natureza para a acumulação de capital.

O estudo da Geografia tem um papel significativo no desenvolvimento da consciência cidadã dos alunos “[...] instrumento útil para ler e entender o mundo, para exercitar a cidadania e formar cidadãos” (Callai, 1999, p. 7). Assim, a Geografia como currículo não trata, pois, de uma escolha sobre o conteúdo mínimo a ser implementado na sala de aula e sim de como o componente curricular pode levar os alunos a compreender e a (re)discutir determinados conteúdos/conceitos numa perspectiva emancipatória.

Os conteúdos de Geografia que abrangem aspectos históricos, sociais, de gênero, ambientais, étnicos, políticos e econômicos precisam ser aprofundados e desenvolvidos sob uma proximidade com a realidade e com experiências de docentes e discentes. Segundo Freire (1987, p. 79) “conteúdos não são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram (...)”. Nesse sentido, consideramos que as questões de gênero, raça, etnia, social e política não podem ser trabalhadas minimamente, superficialmente. Esses conteúdos, se trabalhados de forma aprofundada, contribuem não só para o entendimento de novos espaços, mas para a (re) configuração do espaço geográfico da diversidade, onde ainda persiste um pensamento pautado na superioridade racial e social, no sexismo, no machismo, no racismo e na exploração do mais vulnerável. Diante disso, é preciso buscar, dentro das escolas, desenvolver o senso crítico para uma real formação cidadã.

Para Arroyo (2013, p. 115),

Os conceitos abstratos aparecem distantes das vivências concretas, tornam-se estranhos, sem motivação. Logo criar estratégias para trazer aos processos de aprendizagem as vivências pessoais e as experiências sociais tão instigantes na dinâmica política, cultural, que interrogam seu pensar e seu viver.

Moantoan (2003), pesquisadora em estudos para a diversidade, diz que precisamos buscar uma educação democrática, onde as diversidades culturais, sociais, étnicas, religiosas e de gênero estão se tornando cada vez mais explícitas, e esta é uma condição necessária para entender como aprendemos e compreendemos o mundo e a nós mesmos. Assim, a escola não pode continuar a ignorar o que está acontecendo em seu entorno ou a ignorar e marginalizar as diferenças nos processos que formam os alunos.

3.2 Experiências Pedagógicas Com Conteúdo Históricos-Sociais na Escola Municipal Angélica Gurgel

Essa pesquisa traz, para além da discussão sobre o currículo como documento, experiências pedagógicas no ensino de Geografia nos anos de 2020-2022, na Escola Municipal Angélica Gurgel, bem como aspectos teóricos e metodológicos de como essas experiências foram pensadas, no intuito de abordar os conteúdos de uma forma mais crítica, criativa e reflexiva, levando em consideração a realidade dos educandos.

Conforme Franco (2015, p. 604), “[...] a educação, como prática social histórica, transforma-se pela ação dos homens e produz transformações nos que dela participam.” Essas práticas, são impregnadas de intencionalidades e acabam trazendo novas perspectivas para a prática educativa, que vive transformações, sobretudo diante de um mundo globalizado. Aprendemos que é necessário se reinventar para ensinar, que é emergente a formação continuada de professores e, mais do que nunca, que é urgente que haja massivos investimentos na educação.

Os trabalhos elencados a seguir são as práticas pedagógicas construídas ao longo do período remoto e híbrido emergencial, mas que também foram sendo realizadas no formato presencial.

A prática pedagógica intitulada ‘Geografia e suas musicalidades’, de autoria da pesquisadora deste trabalho que também é professora de Geografia, tem como objetivo trazer para a sala de aula, a partir das escolhas dos discentes e da docente, releituras de letras musicais que contenham cunho social, cultural, político, histórico ou econômico, favorecendo um debate crítico daquilo que foi proposto pela prática. A música na escola é mais um instrumento de ensino que auxilia na aprendizagem de todas as disciplinas, permitindo comunicação, socialização e diversão (Romanelli, 2009).

O encontro entre a Geografia e a música demonstra uma potencialidade no estudo de temáticas. A esse respeito Dozena (2016, p. 8), afirma que a música expressa “[...] a possibilidade de se constituírem em experimentações que

transcendem os limites das disciplinas acadêmicas formalmente estabelecidas, tornando-se campos capazes do estabelecimento de um interessante diálogo, plural e motivador”.

Por meio das canções escolhidas, conseguimos trabalhar temáticas sobre globalização, capitalismo, meio ambiente e industrialização. É possível realizar discussões, produzir textos críticos, relacionar diferentes escalas geográficas e, ainda, compreender o conteúdo estudado a partir da realidade em que o educando se insere. Ferreira (2005, p. 17) diz que a música é arte e comunicação e complementa: “A música, som ordenado, assim como é uma linguagem universal também é uma linguagem por meio da qual uma ideia é mais bem difundida ao longo dos tempos [...]”. Além de serem formas de aprendizagem, as músicas são também recursos utilizados para avaliação. A quadro 1, logo abaixo, elaborado com base no planejamento anual emergencial do 9º ano, norteou as atividades realizadas pelos educandos.

Quadro 1 - Música, objetivo e conteúdo

Música	Conteúdo	Objetivo	Atividades avaliativas
<u>Globalização</u> Tribo de Jah	Globalização e desigualdades socioespaciais	Compreender, em escala local e global, o aprofundamento das desigualdades	Fazer a análise crítica da música e produzir um texto, relacionando com o conteúdo estudado.
<u>Negão Negra</u> Elza Soares	População Mundial	Compreender a questão das desigualdades raciais e de gênero no Brasil e no Mundo.	
<u>Geração Coca-Cola</u> Legião Urbana	Globalização e consumismo	Entender o processo de globalização, a transformação cultural e a influência do consumo exagerado.	

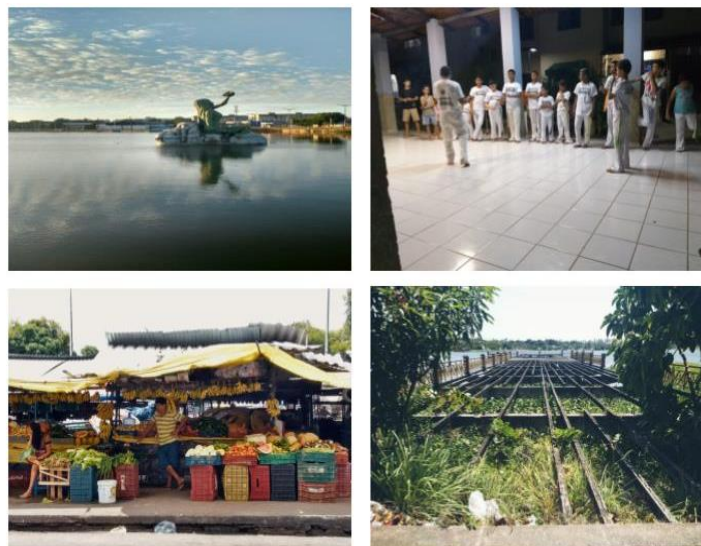
Fonte: Elaborada pela autora (2022).

As músicas escolhidas para serem discutidas em sala de aula expressam um significado cultural, étnico e social de uma sociedade. São aprendizados para um pensamento mais crítico e não para a alienação. Além de ser uma prática de cunho cultural, o objetivo do estudo das letras de músicas é demonstrar as relações que elas possuem com o meio em que estamos inseridos.

Assim como os versos e as melodias musicais, as fotografias também são

instrumentos capazes de facilitar a compreensão do pensar geográfico. Dessa forma, apresentamos a Geografia sob lentes e olhares, uma atividade na qual os alunos fotografam o lugar vivido a partir do próprio olhar, seja através de uma denúncia social e ambiental, seja por meio de manifestações culturais, de boas práticas ambientais ou de movimentos urbanos, transformando essas imagens numa exposição virtual ou presencial, com direito a leituras críticas daquilo que está sendo mostrado.

Figura 1 - Geografia sob lentes e olhares (fotografias do bairro de Messejana em Fortaleza, Ceará)



Fonte: Discentes das turmas de Geografia (2020-2021).

Compreender a geografia a partir do que é vivido é, segundo Castellar (2019, p. 10): “[...] um movimento de colocar-nos diante do mundo, com um olhar que nos permite compreender a dinâmica dos lugares, suas paisagens, seus territórios, sua configuração territorial, seus sistemas locacionais etc.”

Construir conhecimento a partir do seu lugar é compreender o valor que suas representações possuem, é ser autônomo, é empoderar-se. No ensino de Geografia, o conhecimento precisa das subjetividades dos discentes e suas diferentes interpretações. É muito comum estes sujeitos não serem representados nas páginas dos livros didáticos, nas fotografias jornalísticas ou nas histórias contadas.

Trazar para a sala de aula a fotografia feita a partir do olhar do discente é dar voz a sua própria história, é fazer uma leitura do seu próprio espaço, demonstrando

os interesses da comunidade e contando sobre as invisibilidades do lugar, para, assim, construir um pensamento geográfico.

Dando continuidade à formação crítica, científica e reflexiva do educando, trouxemos para a prática pedagógica o Café com Geografia: um olhar crítico da realidade, que compreende um trabalho em que os alunos recebem assuntos de relevância política, socioeconômica e cultural do bairro, do município, do estado, do país e do mundo para se trabalhar a pesquisa científica e a construção de discursos em grupos menores para, depois, compartilhar com a turma toda em forma de debate. É verdade que, “a pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental. [...] constituir-se num forte instrumento para desenvolver a reflexão, o espírito investigativo e a capacidade de argumentação” (Mattos; Castanha, 2008, p. 7).

Assim, o Café com Geografia, é um instrumento que contribui para o desenvolvimento do aluno como sujeito que investiga, que reflete e questiona aquilo que eles ouvem ou veem via mídia ou senso comum, passando a compreender o espaço em que vivem de forma mais crítica (Mattos; Castanha, 2008).

Figura 2 - Café Com Geografia - (8º B Manhã, 8º C Tarde, 9º C Manhã)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

O projeto Café com Geografia é desenvolvido em três fases, perpassando as orientações da professora em sala de aula até sua fase final, que é a apresentação das equipes.

Na primeira fase, são dadas as orientações do texto científico como a

metodologia e as regras gerais das normas técnicas, com o intuito de familiarizar os alunos com os trabalhos acadêmicos. É informado, ainda, que o trabalho pode ser realizado na forma digitada ou manuscrita e é explicado como será o debate dos temas estudados.

Os temas trabalhados são relacionados com as habilidades e competências propostas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) nos conteúdos de cada série, porém trabalhados de forma aprofundada. As turmas são divididas em equipes e os temas propostos são distribuídos por meio de sorteio. A seguir, teremos os temas sugeridos para o Café com Geografia dos oitavos e nonos anos, respectivamente.

Quadro 2 -Temas do projeto Café com Geografia (2021) com as turmas de 8º e 9º ano respectivamente

8º ANO	9º ANO
AS COTAS RACIAIS NO BRASIL: COMO SOMOS ATINGIDOS?	A INTERFERÊNCIA DO GOVERNO NO AUMENTO DO DESMATAMENTO DA AMAZÔNIA E AS CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS
AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL: RESISTÊNCIA E LUTA	A DIMINUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO E O ARMAMENTO DA POPULAÇÃO: CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS
O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL: RESISTÊNCIA EM OBRAS LITERÁRIAS	A LEI MARIA DA PENHA E OS AVANÇOS NO COMBATE À VIOÊNCIA CONTRA A MULHER
A RESISTÊNCIA E A LUTA DE GRUPOS QUILOMBOLAS NO CEARÁ	A RELIGIÃO COMO ARMA DE DEBATE POLÍTICO E RADICALISMO
O DESEMPREGO NO BRASIL QUE ATINGE A POPULAÇÃO NEGRA E PERIFÉRICA	O BRASIL NO CENÁRIO INTERNACIONAL E A POLÍTICA ATUAL
O RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL: INJUSTIÇAS E DESIGUALDADES	O PRECONCEITO ESTRUTURAL COM A POPULAÇÃO LGBTQIA+
A ARTE E A CULTURA AFROBRASILEIRA RESISTINDO AO PRECONCEITO	O TRABALHO INFANTIL E A VIOLAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO E LAZER
A DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL QUE MATA NEGROS E PERIFÉRICOS	OS IMPACTOS SOCIAIS, ESPACIAIS E ECONÔMICOS DA PANDEMIA PARA A POPULAÇÃO
A VIOÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA: MORTE E PRISÃO DO POVO NEGRO	AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E OS DESAFIOS PARA ENFRENTAR OS DESASTRES AMBIENTAIS

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A segunda fase dar-se-á pelo contato do educando com a pesquisa do tema sorteado. O estudo é em grupo e acontece geralmente na escola, com horários marcados, para o acompanhamento e a orientação da professora. Toda a pesquisa bibliográfica levantada pela equipe é avaliada pela professora e discutida em grupo para, somente assim, iniciar a construção do texto científico.

A terceira e última fase é o resultado final do projeto, com a realização de apresentações e debates em sala de aula. A sala é organizada em círculo para facilitar o contato visual com os demais colegas e favorecer o debate. No fundo da sala de aula, é montada uma mesa com café, torradas e patê, fazendo jus ao nome do projeto.

A decoração da sala, no dia da apresentação, conta com um quadro pintado pela professora com o nome do projeto, que o acompanha desde a primeira edição em 2018. Há, ainda, jarros com flores, livros, um globo terrestre e um álbum de fotografias da edição passada.

Sentados em círculo, os alunos começam a apresentar as discussões realizadas previamente em equipe, trazendo argumentos ricos, cheios de criticidade e relacionados, muitas vezes, com a sua realidade. Após cada discussão de um determinado tema, a equipe que finaliza a apresentação escolhe outra equipe para fazer um breve comentário, alguma sugestão, crítica ou perguntas. Ao finalizar todas as apresentações, a professora realiza suas considerações finais e recebe os textos científicos para serem corrigidos com a concessão das notas e feedbacks.

Além da produção escrita e oral experienciada no Café com Geografia, também construímos atividades que desenvolvem outras habilidades. A prática intitulada De repente criei uma história em quadrinhos, traz para eles a construção da arte sob novas possibilidades de se repensar o conteúdo. Eles elaboram uma história abordando um dos temas estudados nas aulas. Para Alcântara (2014), esse recurso é um instrumento que desperta o interesse dos alunos, constituindo uma forma de comunicação cheia de tratamentos gráficos e que desenvolve identidades culturais.

Materializar o conteúdo de geografia na história em quadrinho é juntar a emoção, a inteligência e a sensibilidade do discente. Para Deffune (2010), a reflexão

sobre determinados conceitos geográficos no formato de HQs aumenta o nível de apropriação do referido conceito. Essa atividade aborda a formação do pensamento crítico, criativo e reflexivo. Em determinados temas, é possível verificar uma certa sensibilidade sobre o que está sendo abordado, como é o caso das injustiças sociais e dos temas sobre o meio ambiente.

Articulando com a história em quadrinhos, trouxemos o Geozine - nome que se refere à junção de Geografia e Fanzine - para a sala de aula. Essa é uma prática pedagógica que tem por objetivo construir uma revista ou jornal amador, com a criatividade e a criticidade dos discentes. Nesse tipo de atividade, é possível utilizar recortes de revistas, desenhos, pinturas, textos curtos, trechos de músicas, poemas etc. Qualquer tema pode ser trabalhado no Geozine. A liberdade para criar é sempre do discente.

Essa prática é uma estratégia para que os alunos participem de forma mais efetiva do “fazer aprender”, apropriando-se, apoderando-se de forma mais significativa e crítica dos saberes de Geografia. Além disso, possui um alcance interdisciplinar, rompendo as fronteiras existentes entre as disciplinas e favorecendo o aprendizado contextualizado nas diferentes áreas de conhecimento.

Figura 3 - Geozine - questões ambientais no Brasil 2



Fonte: Arquivo pessoal da aluna Djislane Oliveira do 9º C tarde (2021).

A proposta dos fanzines objetiva discutir temas relacionados aos conteúdos trabalhados em sala de aula como, por exemplo, a população mundial e as questões ambientais, com uma linguagem acessível, criativa e que dá aos alunos autonomia na sua construção. A construção de fanzines no ensino de Geografia é bastante significativa e, em tempos de pandemia, contribuiu para o processo de ensino e aprendizagem. Para Moran (2018), o protagonismo do aluno, através da construção de novos espaços de aprendizagem, deixa gravados saberes significativos.

Cores, recortes, colagens, escrita e oralidade se entrelaçam com o ensino de Geografia. Dessa forma, trouxemos uma prática, também interdisciplinar, que leva os gêneros textuais para dentro da Geografia. A Geografia em Minicontos e Cordéis, trata de atividades que desenvolvem a criatividade, o lúdico e a linguagem literária para melhor compreender os conteúdos de Geografia e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. Os formatos literários conto e cordel são uma ferramenta que propicia pedagogicamente a dinâmica das aulas de geografia no ensino fundamental, estimulando a escrita e a criatividade e incitando o gosto pela leitura, pela pesquisa e também pelo estudo da Geografia.

Figura 4 - Cordéis - 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Temas e cenários do cotidiano, quando discutidos em sala de aula, criam uma consciência crítica e histórica para esses sujeitos. Nessa perspectiva, Silva (2011, p. 63) relaciona a didática com a realidade educacional, falando sobre:

[...] a importância de uma didática comprometida com a ação de ensino-aprendizagem contextualizada no mundo da cultura dos sujeitos envolvidos. Um processo de ensino-aprendizagem significativo no qual os indivíduos se apropriem do sentido da existência.

Esse aprendizado sobre a realidade vivida pelos educandos através de práticas interdisciplinares e que cria uma consciência histórica está sendo ainda mais forte durante a pandemia, porque passamos a refletir e a questionar os nossos direitos.

Essas atividades, construídas com os alunos do 9º ano, iniciam pelo contato com a linguagem literária, na disciplina de Língua Portuguesa. Esse contato é a base para o desenvolvimento das atividades em Geografia. Os temas trabalhados com a linguagem literária foram: meu espaço e a pandemia e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Após a orientação e a construção dos trabalhos, os discentes apresentam e expõem para a comunidade escolar. Durante o período remoto, essa atividade aconteceu via plataforma digital. Já no retorno ao formato presencial, a atividade foi construída no espaço da escola e presencialmente.

Diante do exposto, enxergam-se essas práticas/experiências pedagógicas como sendo de suma importância diante de um contexto que segrega socioespacialmente a educação. Para Deffune (2015), as práticas pedagógicas em Geografia contribuem para que o aluno compreenda, descubra e interprete a realidade. Callai (2004) diz que o mundo precisa estar dentro da escola para que ela seja viva. Isso acontece com o acolhimento e em se dando condições para que eles construam sua formação crítica e suas diferentes visões de mundo. Porém, é necessário que a escola gere motivações, com o professor mediador, para a possibilidade de diferentes relações e aprendizagens. Essas práticas pedagógicas são fundamentais na Geografia, contribuindo para uma formação crítica, humana e científica do educando no ensino fundamental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo geral apresentar as experiências docentes no Ensino de Geografia na Escola Municipal Angélica Gurgel desenvolvidas durante 2020-2022.

Em uma perspectiva qualitativa, o processo de construção da pesquisa contou com a utilização de uma metodologia que analisou documentos e bibliografias. A discussão, baseada no referencial teórico da pesquisa, mostrou a necessidade de se

investir de forma efetiva na educação básica, ou seja, não bastam reformas e unificação no campo curricular, é preciso haver investimentos para condições efetivas da prática educativa.

Acredita-se que a educação tem um papel crucial na diminuição dos problemas sociais, econômicos e espaciais. Porém o “chão da escola” precisa ser ainda mais inovador, criativo, propositivo e reflexivo. Para isso fazem-se necessários mais investimentos e formação de professores.

Conclui-se, na condição de professora-pesquisadora que atua na rede pública, que o Ensino de Geografia, a partir de práticas pedagógicas criativas e reflexivas e que se cruzam interdisciplinarmente, é de suma importância na relação do ensinar e aprender. As atividades construídas e elencadas nesta pesquisa são resultados de experiências vividas na prática da sala de aula.

Certamente há muito para se refletir sobre a temática tratada neste estudo. Muitas questões ficaram em aberto para pesquisas futuras. Espera-se, ainda, que esta seja uma contribuição que provoque reflexões sobre os investimentos na educação, sobre o trabalho docente e, ainda, sobre as práticas pedagógicas no Ensino de Geografia que possam levar os discentes a uma compreensão do pensamento geográfico, bem como a uma formação crítica e reflexiva acerca da realidade.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Cláudia Sales de. **Histórias em quadrinho e educação**: inovando o currículo. Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola – livro 1. Fortaleza/CE. EdUECE, 2014.
- ARROYO, Miguel. Prática pedagógica e currículo. *In*: **Anais do VIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC. 1996. p. 167-172.
- ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. *In*: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. **Anais**. Coimbra: Universidade de Coimbra,

2004. p. 01-10.

CALLAI, Helena Copetti *et al.* O ensino de Geografia nos trabalhos apresentados no XI ENANPEGE. **Revista da ANPEGE**, v. 12, n. 18, p. 43-55, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6392/3344>. Acesso em: 08 maio 2022.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no Ensino Médio. Terra Livre – As Transformações do Mundo da Educação – Geografia, Ensino e Responsabilidade Social, São Paulo: **Associação dos Geógrafos Brasileiros**, n. 14, p. 56-89, jan.-jul. 1999.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Raciocínio geográfico e a Teoria do Reconhecimento na formação do professor de Geografia. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia, v. 1, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59197>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. *In*: **Anais do Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais**, I. Belo Horizonte: SeNa, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, Lana. **Geografia, Escola e construção do conhecimento**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2013.

DEFFUNE, Glaucia. Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da geografia. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 28, n. 1, 2010.

DEFFUNE, Glaucia. **A formação do professor e o ensino da geografia em escolas de ensino fundamental e médio de Maringá-PR**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e Música**: diálogos. Natal: EDUFRN, 2016.

FERREIRA, Martins. **Como Usar a Música na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto. 2005.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MATTOS, Elenir Maria Andreolla; CASTANHA, André Paulo. **A importância da**

pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental. 2008. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-8.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, Rio de Janeiro, 2012.

MOANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Currículo, conhecimento e cultura. In: MOREIRA, Antonio Flávio; ARROYO, Miguel. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, 2006. p. 83-111.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROMANELLI, Guilherme. Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento. **Revista Aprendizagem**, Pinhais, n.14. p. 24-25, 2009. Disponível em: <https://frjaltosanto.edu.br/site/wp-content/uploads/2016/03/06-Artigo-A-M%C3%9ASICA-COMO-INSTRUMENTO-DE-APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Carlos Cardoso. A Possibilidade da Didática na Perspectiva Fenomenológica. In: LIBÂNEO, José Carlos; LIMONTA, Sandra Valéria; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (orgs.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança**: diferentes olhares para a didática. Goiânia: CEPED, PUC Goiás, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução as teorias de currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NOTA:

¹ COSTA, Cintielena Holanda. **Práticas Pedagógicas no Ensino de Geografia**: Experiência Docente na Escola Municipal Angélica Gurgel no Contexto da Pandemia COVID-19 (2020-2022). Dissertação (Mestrado em Ensino e Formação Docente) – Instituto Federal do Ceará, Maranguape, 2022.



Este conteúdo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)